

Europeus, mais flexíveis

REALI JÚNIOR
Nosso correspondente

PARIS — Os bancos comerciais já estão dispostos a concluir um entendimento com o governo brasileiro para renegociar sua dívida privada. Essa é a opinião de diversos analistas europeus, após a última rodada de negociações entre o governo brasileiro e seus credores privados e as declarações formuladas por um dos principais negociadores do Brasil, Fernão Bracher, não mais rejeitando o princípio de um acordo com o FMI.

Segundo Bracher, o Brasil apenas não quer estabelecer uma relação entre os créditos do FMI e os que virão dos bancos. Essa idéia, segundo um banqueiro francês, poderá ser assimilada pelo conjunto de credores comerciais. A partir desse tipo de entendimento, vários credores já manifestam interesse pelo conjunto de opções que a proposta brasileira oferece, seja capitalização de juros, conversão de parte da dívida em tí-

tulos, etc. Dessa forma, daqui para frente, a tonalidade das negociações entre o governo brasileiro e seus credores poderá ser bem mais otimista, acrescentam áreas financeiras européias.

Os jornais econômicos comentam, também, o telex enviado pelo Advisory Committee que não mais menciona a necessidade uma linha direta entre um acordo com o FMI e um acordo bancário. O telex continua falando da necessidade de um acordo com o FMI, mas isso não impede um entendimento, pois, segundo declarou Fernão Bracher, o que o governo brasileiro considera inaceitável é ver a "condicionalidade" do Fundo ser exercida não apenas sobre própria assistência financeira, mas igualmente sobre a dos bancos. Em entrevista a um jornal francês, o La Tribune, Fernão Bracher afirmou que o secretário do Tesouro dos EUA, James Baker, compreendeu que não é o princípio de um acordo com o FMI que o Brasil rejeita, mas

sim a idéia de que o dinheiro emprestado pelo Fundo e pelo Banco Mundial sirva apenas para pagar juros aos bancos: "Esse dinheiro deve ser utilizado para investir e gerar novas riquezas". Essa, entretanto,

não parece ser a opinião do PMDB, que, até aqui, não tem aceitado também outros aspectos obrigatórios de um acordo normal com o Fundo Monetário, entre eles o monitoramento da dívida ou a imposição de medidas recessivas, tais como controle rígido de salários ou corte das despesas públicas etc. Sabe-se que antes do encontro com os banqueiros, a assessoria do ministro Bresser Pereira chegou a sugerir que ele viajasse para os EUA com dois planos alternativos no bolso, sendo um deles muito mais próximo dos interesses da comunidade financeira internacional. O ministro Bresser Pereira teria rejeitado essa idéia, seguindo para os EUA com uma única proposta que serviu de base para a abertura de negociações.